TL 1215

Esta é a minha biografia

1 — Eu, José Simões, casado, de 53 anos de idade, de profissão de Servente de 1ª Classe do quadro assalariado permanente dos Serviços de fazenda e Contabilidade da Repartição Provincial de Timor. Antes disso, eu trabalhava como mecânico com o Senhor Ernesto Simões do Consulado australiano. Saí de mecânico e fui trabalhar com o Bispo D. Jaime Garcia Gulart a ensinar os catamos na área de Culu-Hum e Becora até que abriu a construção da Igreja de Becora.

2 — Em 9 de Julho de 1959 fui chamado a trabalhar na fazenda e Contabilidade como Servente de 1ª Classe do quadro assalariado permanente até 11 de Agosto de 1975. Tendo sido a habilitação leterária de 4ª Classe do Ensino Elementar da missão de Soibada no ano de 1958. Antes de entrar no Colégio de Soibada. Em 1948, era aluno da missão Salesiana em Díli. O nome nativo era Mau-Coran. Em 1951, fui baptizado solenemente com o nome de José Simões.

3 - 20-5-1974 — Em 20 de Maio, nasceu o Partido Político A.S.D.T. Eu fui um dos fundadores de A.S.D.T. Depois da transição da A.S.D.T para Fretilin em 11 de Setembro de 1974. Eu fui nomeado como Delegado da Fretilin pelo Comité Central. Quando se deu Golpe 11-8-1975 contra golpe em 28 de Agosto de 1975, fui nomeado como Comandante das milícias armadas. Após a invasão da Indonesia no dia 7 de Dezembro de 1975, em Timor Leste. Nunca pensamos em render aos inimigos agressores da Indonesia. Eu e meus compatriotas Mau Beres combatiamos logo desde dia 7 até dia 23 do mês em curso, em 27 e 28-1-1976. Eu tomava conta de uma companhia de forças a Combater o inimigo numa grande atalho chamado Maun Lelai entre Aileu e Maubisse. Ali tombou um comandante de Companhia Chamado Mali-Bere numa área Chamado Mauchado-Dudat Lauissi Dailor Aileu. Na minha Companhia tombou também um de secção de nome José Talitú, era 1º Cabo. Estive no mato 3 anos a combater contra os inimigos agressores em defesa da Pátria amada.

4 — Em 6 de Agosto de 1978, caí no cerco de aniquilamento das forças indonésias na margem duma Ribeira Chamada Leu-Hane, na direcção de Koto-Morin, Caimauc do Posto Administrativo de Remexio. Daí fui levado militarmente para Posto Administrativo de Metinaro a fim de submeter interrogatórios pelas forças indonesias ali em Metinaro.

Depois de três dias ali em Metinaro, fui conduzido para Díli onde tinha sido inquerido no Comando da região militar (koramil). Após disso, levaram para o Comando do distrito militar - Kodim. Daí, mandaram-me para a casa sob a vigilância do Comando da Região Militar - koramil e o chefe de Suco de Becora.

- 1-9-1979 — O Comando da Região Militar - koramil. Mandou forças militares chamar-me com três companheiros para serem interrogados durante um dia e uma noite a área era controlada por mim desde Culu-Hum Díli até Metinaro. Após o interrogatório, mandaram-nos regressar a casa.
- 15-5-1980 — O Chefe do suco de Becora e o Comando da Região Militar - koramil - Mandou as forças de 2ª linha - Hansip - chamaram-me para a guarda do Chefe suco. Ali bateram-me cruelmente e mandaram-me ajoelhar para beijar os pés do Chefe do suco. Porém, não sabia de nada qual era a culpabilidade que cometia contra o chefe suco na altura.
- 7-6-1980 — Apanharam-me e levaram-me para a guarda do Chefe suco. O secretário do Chefe Suco e um militar de nome Viki Doben perguntaram-me, se eu tivesse guardado um livro da ideologia Comunista em casa. Perguntaram-me, se eu fosse o grande Comandante do dia 7-12-1975 em Becora. Respondi-lhes que, se os Senhores soubessem que eu tinha guardado um livro Comunista desse, faça o favor de ir busca-lo. Então ficaram aborrecidos comigo e deram-me pancadas até que deitei-me sangue pelo nariz.

Mesmo que assim, pensei-me de criar a rede clandestina com os irmãos da cidade, de que maneira de ajudar os nossos guerrilheiros da resistência Maubere por ter visto claramente as matanças humanas e torturas de dia a dia.

- 10-6-1980 — Devido essas maus actos praticados pelas forças da indonesia, nós começámos a informar aos nossos guerrilheiros do mato para assaltar as forças indonesias em 10 de Junho de 1980, no arredor da cidade Díli, sobre tudo numa parte chamada Marabia.

Nessa altura, fui apanhado no dia 26 de Julho de 1980, em casa as 11 horas de noite. A minha mulher foi a procura do Padre Alberto Ricardo na Igreja de Becora em que ela tinha caída dentro de valeta e feriu-se, conseguiu ir até a Igreja a falar com o Padre acerca da minha capturação. Eu e alguns timorenses fomos levados militarmente para serem mortos. Um dos militares conhecido era o Niki Dobem. Fomos levados até um lugar chamado Fatu-Ahi. A 1 hora do dia imediato, levaram-me de volta e os

outros seguiram o destino eterno.

- 15-8-1981 - O Comando da Região Militar - Koramil, mandou as forças de 2ª linha Chamado Hansip a chamar-me para apresentar urgentemente no Comando de Koramil, pois que eles já apanharam 24 homens a serem castigados aí durante 3 dias, acusaram-me que eu era organizador dos 24 homens para canalizar ajudas para o mato. Durante um dia inteiro, fui inquerido acerca da falsa informação e respondia-lhes tudo claramente e no fim chegaram a conclusão nula. Então, resolveram em mandar voltar os 24 homens acusados.

Apesar de sermos ameaçados de várias formas pelos inimigos, não deixamos de sermos filhos de Timor Leste a ver os nossos irmãos combatentes de combater esfomeadamente, e não podemos estar de braços cruzados, pensamos de criar novamente a rede clandestina para fornecer Géneros alimentícios aos nossos irmãos da resistência armada.

- 29-12-1981 - As 3 horas de tarde, o Chefe suco de Cameia e uns elementos militares do Comando da Região Militar (Koramil) foram atacar-me numa Obra que pertencia ao China da Loja de ZUZUKI. Essa obra era uma construção da escola primaria em Cameia Mota Kuak. O patrão tinha comprado já a casa antiga que era escola também. Eu precisava de umas larajes para construir a cozinha por isso, tirei 15 larajes com autorização do patrão. No entanto, o chefe Suco e os militares acusaram-me que levei as larajes sem dar conhecimento ao chefe suco. Este deu-me três tiros de arma, não me acertou, então ele deu-me um morro ou socos no meu olho direito onde me fez grande ferida. Ainda tenho sicatriz no olho. O chofeur e os trabalhadores, levarame-me para e foram apresentar o caso ao patrão. O patrão por sua vez, foi apresentar o caso aos deputados Timorenses para me defender. Esses deputados levantaram o processo contra o chefe suco. Foram os seguintes deputados: Abílio do Rosário, Joanico, getrudes Ilmam Cardoso, Pedro Baptista, etc. Depois o processo ficou inválido e mataram um búfalo para fazer reconciliação no entanto, não fui para casa do chefe suco de Cameia.

- 27-8-1982 - Em 27 de Agosto, uns dos elementos da rede clandestina foram apanhados por serem descobertos por alguns servidores do Estado da Indonesia.

Eu fui apanhado em 25 de Agosto de 1983, em casa, por causa da mesma rede clandestina e da Conversação de paz, em Larigutu e Mihara de 20 a 24 de Abril de 1983, entre o Comandante da Resistência Nacional Xanana Gusmão e o Comandante das forças armadas da Indonesia, Porwanto com o Governador

Mário Viegas Carrascalão. Essa minha capturação foi feita em casa do chefe suco de Becora. Fui convidado para casa do chefe suco para cortar o cabelo duma criança de um ano. Estava a tomar um copo de café, de repente, entrou lá um militar que era um 1º sargento com pistola na mão e chamou-me atenção ((mãos ao ar)). Levou-me de motorizada e três motorizadas acompanharam-me a dar voltas pelas cidades de Díli e depois seguimos para "Kodim" Comando do Distrito Militar. Daí revistaram-me, mandaram-me despir a roupa e puseram-me na cela escura.

- 27-8-1983 - Eles tiraram-me na cela escura para ser inquerido durante três dias. Dali, apanhei pancadarias de meia-noite. Após o inquérito, meteram-me novamente na cela escura.

- 2-9-1983 - Eles tiraram-me da cela escura e fizeram-me o novo inquérito sobre um relatório nominal em que estava escritivo o número de 1.500 homens de forças, incluindo o nome do meu filho Gaspar Simões, com duas companhias de armamentos. Então, respondi-lhe que não sabia de nada nem via esses armamentos de duas companhias. O comandante do comando distrital mandou um soldado forte a arrancar os meus cabelos para cima e tirou-me a fotografia. Depois disso, o comandante com cinco soldados javaneses deram-me pontapés, socos e coronadas de arma. Nesse mesmo dia, tiraram-me na cela escura com seis colegas meus que eram: Miguel da Costa, Fernando Pinto Baptista, Antonio José Eduardo, Luís Freitas, Luís Dias e Alfredo Fatissi. Eles puseram-nos dentro duma carrinha de marca Toyota e levaram-nos para a Comarca de Timor em Balide. Ao chegar na Comarca, começaram a amarrar os nossos dedos polegares e braços atrás das costas e deram-me socos, pontapés, coronadas, queimaduras de cigarros e caímos todos ao chão cheio de sangue até que o colega Luís Freitas cagou-se e sujou-nos todos ali no chão. Depois, levaram-nos meter na cela escura e continuaram a bater-nos sempre dia e noite durante 17 dias. Nós comíamos duas vezes por dia, com uma colherada de arroz seco com água fria alimentados por eles porque as nossas mãos estavam amarradas atrás durante os 17 dias. Ao alimentar, tínhamos que receber primeiro purradarias. Ameaçaram-nos para matar no dia 4-9-1983, lançado ao mar ou iam nos matar em Tasi Tolu ou Areia Branca.

- No dia 3, 4 e 5, as 3 horas madrugada do mês em curso, o Comandante Kotis com o seu servidor do Estado da Indonesia de nome José Pereira, foram Buscar-me na cela escura para o inquérito acerca de arma-

mentos de duas companhias e um rádio de transmissão directa. Eu respondi-lhes que não sabia nem via os referidos materiais bélicos. se eu tivesse esses armamentos, não podia estar na cidade, podia estar nas montanhas para poder combater contra vós. Naquela altura, tiraram-me a roupa toda e estava nú e amarrado. Estava sentado com pés estendidos. Então, eles puseram um grande pau de pilhão em cima da minha perna e um homem forte foi por cima do pau de pilhão a pressar as minhas pernas e iam interrogar-me. sempre lhes dis as mesmas respostas.

8- 4-9-1983 — As 12 horas de noite, o Comandante da Polícia Militar com alguns soldados armados levaram para lá um rolo de fio de plásticos, picarretas, alavancas, pás e catanas. Queriam levar-nos para liquidar naquela noite. Então, puseram-nos formados no corredor da cela. Esse Comandante da Polícia Militar olhou para nós um por um. Mudou-se da sua ideia Cruel, Chamou um sargento que sabia de jogar caraté e foi dar ponta pés na boca do estomago um por um. Depois disso, eles meteram-nos novamente na cela escura.

9- 8-9-1983 - Dois soldados de Polícia Militar e dois soldados de batalhão de zipur 100 foram buscar-me na cela escura da Comarca de Balide e puseram-me dentro do carro amarrado e estendido debaixo do banco e dois homens ficaram sentados em cima do banco e levaram-me para o Comando de P.M. Lá haviam muitos comandos de forças à minha espera. Ali eles usaram um conterrâneo meu a acusar-me que eu tinha recebido na mão dele uma espingarda de mauser e uma pistola e ao mesmo tempo tinha duas companhias de armamentos. O acusador perguntou-me << onde estão essas armas >>. Respondi-lhes que não sabia nem via. Se tu soubesses as armas onde estavam guardados « Faça favor de ir buscá-las ».

Então, como neguei que não tinha guardado nenhum armamento em minha casa. As forças indonesias mandaram o meu conterrâneo A. Mesquita, como o servidor deles a dar-me socos; e as forças croinaram-me e ponta pés até que caí três vezes ao chão, o sangue brotou pela boca, nariz e perdi sentido. Daí, levaram-me de volta para a cela escura novamente em Comarca de Balide sem saber, Quando acordei, vi que estava já junto com os colegas.

10- Depois disso, as forças militares foram cavar a minha casa e

procura das armas acusadas. Apenas, levaram os meus bens: 5 libras, 25 mexicanas, 2 fios de ouros, duas pulseiras de ouros dentro de uma lata. Os indonesios ficaram aborrecidos com o meu conterrâneo acusador e queriam matá-lo. Mas, como a irmã estava a viver com o comandante do Comando da Região Militar chamado Baba Muting e Joko depois de ter rendida do mato.

21- Assim, no meu inquérito, os homens do Comando das boinas vermelhas pediram-me a minha opinião para que aceitasse a morte de três elementos que eram os meus acusadores de armamentos de duas companhias com 1.500 homens: Antonio Mesquita, Manuel Coelho e Alarico do Rêgo Soares. Não aceitei a morte deles, ajoelhei e pedi perdão aos homens da boinas Vermelhas para não matá-los. Ao fim ao cabo, fomos todos julgados e condenados. Eu e Antonio Mesquita estamos cá em Portugal e dois ainda estão vivos em Timor Leste.

22- 16-10-1983 — O meu filho Gaspar Simões foi apanhado em casa por ter acusado como também o possuidor de armamentos de duas companhias. No momento em que as forças indonesias foram cavar a casa, o meu filho ficou chatiado e atirou os pratos perante as forças indonesias. Eles perguntaram-lhe se estivesse zangado com eles. Foi assim que no dia 16.8.83, ele foi apanhado e foi levado para o Comando das boinas Vermelhas em Colmera - Dili. No Comando das boinas Vermelhas, durante o inquérito, foi torturado demasiadamente, deram-lhe de beber ácido com água e comida misturada com dedetés. Esteve 11 meses no Comando das boinas Vermelhas. Depois foi transferido para a prisão de Balide. Lá começou a sofrer do estômago por ter bebido ácido e nunca submeteu tratamento eficaz para lhe curar a doença. Então, a estabilidade física desceu-se. Como a doença era grave e impossível de ser tratado no hospital e na cadeia. Resolveram em mandar-lhe ir para casa em 28-3-1987. Aí morreu e Indonesia nesse dia mesmo argumentou que ele não foi morto na prisão, mas sim, ele morreu no dia 28 de Março de 1987 em casa dele por ser libertado da prisão. Essa era a táctica da Indonesia na nossa terra amada.

23- Nós os 7 estivemos na cela escura dois meses e depois a Cruz Vermelha Internacional foi visitar-nos. Daí deixaram ser transferidos uma sala geral onde haviam lá muitos prisoneiros os que vieram de Ataúro, de Bali e doutros Comandos. Todos eram cento e tal prisoneiros.

24- 19-10-1983 - Eu e Miguel da Costa, fomos levados para Sosfol significa

Social político - fomos inqueridos pelos homens de Polícias especiais enviados por Soeharto de Jakarta para lá a fim de dar andamento ao processo no Tribunal. Interrogaram-me acerca da invasão do dia 7-12-1975, por eu ter comandado as forças das milícias armadas a combater contra as forças da Indonesia nas áreas de Kulu-Hum e Becora. Perguntaram-me quantas forças indonesias foram mortos pur mim na altura. Eu respondi-lhes que não sabia as tropas da parte da Indonesia que morreram. Eu só sabia as minhas forças que morreram no combate do dia 11-12-1975 na área de Kulu-Hum: Antonio Caimau, Marcelino Sequeira, Raul e Fut Sung ficou ferido.

Os homens perguntaram-me de novo sobre as armas de duas Companhias e onde estão 1.500 homens que o senhor Simões arranjou para lutar contra Indonesia. Eu continuei a responder-lhes sempre que não sabia nem via as armas. Tudo isso, era pura mentira. Então, um major da Polícia com um Hansip que 2ª linha de nome Jacob Ximenes era um servidor da Indonesia ambos pregaram em mim e meteram-me de mãos amarradas para dentro de um bidon de água cheio com cabeça para baixo e pés ao ar durante 5 minutos. Depois bateram-me a paulada. Daí mandaram-me regressar para Comarca de Balide, no caminho as forças da batalhão de Zipur 100 bateram-me com croinadas e piseram-me dentro do carro. O nosso inquérito foi desde 19 de Outubro até dia 27 de Novembro de 1983. Nesse dia, nós escoltados com forças militares de carros e carros assaltos para os lugares onde Tivemos a reunião das redes clandestinas. Nos eramos: Eu José Simões, Albino Lurdes, Antonio José Eduardo, Fernando Pinto Baptista, Mário Nicolau dos Reis. Esse foi no 1º dia. No último dia: Eu, José simões, Abílio Tilman, Gaspar Pinto Loi e Luís Dias. Ali tiraram-nos fotografias naqueles lugares servindo de factos no processo para sermos julgados ilegalmente.

18-12-1983 - Era o dia do início da ameaça pelos homens de social político de enviar os processos ao Tribunal judicial para sermos julgados com 20 anos de prisão. Repliquei-lhes que como podíamos receber 20 anos a cada um, se Timor é nosso e não é da Indonesia. Não matamos ninguém dentro da cidade. Estamos a defender um direito universal e justo. Portanto, nós queremos criar a paz, justiça e harmonia entre os países vizinhos. Foi por isso, é que o Xanana Gusmão, Governador Mario Viegas Carrascalão e o Coronel

. Indonesia Portanto tiveram o encontro em Mihara e Lari Gutu no dia 20 a 24 de Abril de 1983 para uma conversação de paz e desarmamentos de ambos os lados. Daí, mandaram levar-me para a prisão. De noite, o comando das boinas Vermelhas foram buscar-me para me perguntar porque razão, recusei de receber 20 anos de prisão. Então, você não sabe ainda que Timor Leste já foi integrado na Republica da Indonesia desde 17 de Julho de 1976? Você foi contra a Lei da Indonesia, portanto, é obrigado receber os anos dados pelo Tribunal judicial. Timor Leste já pertence a Indonesia. Assim, naquela noite, no comando das boinas Vermelhas, mandaram o servidor a misturar dedetés com moelhos e arroz e deram-me comer. Ao amanhacer, quando aquele servidor Timorense veio bujar-me que ontem a noite comeste moelho e arroz com dedetés. Duarante esses dois dias, não me deram de comer. Fui vingado. Depois desses dias, levaram-me outra vez para Comarca de Balide.

- 23-12-1983 - Fui chamado outra vez para Sospol onde me perguntaram, se eu Gostasse mais Soeharto ou Xanana. Respondi-lhes que gostava o Xanana. Porque é que gostas de Xanana e não gostas do Presidente Soeharto? Eu respondi-lhes que Soeharto é Opressor e agressor. Então, um polícia chamado Alau levantou-se e deu-me bofetadas e socos. Daí, mandaram levar-me para prisão de novo.

- 5-1-1984 - Era o início do meu julgamento severo em que fui logo ameaçado com 20 anos de pena. Recusei-me de receber 20 anos de pena. No segundo julgamento diminuiram para 18 anos de pena. Recusei. No terceiro, diminuiram para 15 anos. Recusei e no quarto julgamento, eles diminuiram de 15 para 10 anos de pena, também recusei. No quinto julgamento, diminuiram de 10 anos para 8 anos. Daí, aceitei de receber os 8 anos de pena. Assinei o Processo e encerrou o meu julgamento judicial fantoche do da Indonesia. Fiquei na prisão até que fui desterrado para Jakarta.

- 17-1-1985 - Fui desterrado para a cadeia central da Indonesia em Cipinang Jakarta com os meus colegas do mesmo destino e do mesmo querer patriotico e nacional. Saimos da prisão de Timor Leste, fomos todos algemados 2 a 2 e 3 a 3. Dentro do avião fomos amarrados no ferro de avião até Jakarta.

- 28-7-1989 - Regressamos de Cipinang-Jakarta para Timor Leste, eu, com quatro colegas: Miguel da Costa, Fernando Pinto Baptista, Antonio José Eduardo e Antonio Ramos. Nós fomos levados para a prisão de

Becora. De noite, as forças do Comando das boinas vermelhas foram buscar-nos logo para o posto deles em colomera. Estivemos lá desde dia 28 de Julho de 1989 até 17 de Agosto de 1989, dia da proclamação da Independência da Indonesia. Numa bela tarde, eu e dois colegas estivemos a tomar sexta. De repente, veio um capitão javanês a dar moral ao Miguel da Costa e Fernando Pinto Baptista, dizendo que era uma sorte e alegria de se encontrar os senhores na terra natal. Portanto, não voltam pensar o passado e agora nós vamos trabalhar juntos para construir Timor. Se vocês ouvirem alguem falar mal da Indonesia, venham informar-nos e se encontrar armas escondidas tragam cá. Nós queremos manter depressa a paz em Timor. Eu ouvi os três a conversar e acordei e ele começou a perguntar-me, se eu ouvisse a conversa dos três. Eu disse-lhe que ouvia. Então, ele perguntou-me << Que pensa o sinhor acerca disso? >>. Respondi-lhe que eu sou velho e quero procurar alguma coisa para a minha sobrevivência, porque já fui preso de Timor para Jakarta. De Jakarta regressei para Timor. Não quero meter mais nesses trabalhos. Então, o capitão, levantou-se e deu fonta pé na porta em ameaças a nós, dizendo que, quando sairem daqui, vão ter a Cova. Daí, começaram mal vistos a nós os cinco. Então informamos a cruz vermelha para nos velar por ter ameaçados. Então, uma noite, no sábado, quando tiveram um convívio, de repente veio um branco a chamar-nos para tirar a fotografia e foi-se embora, sem dizer nada. Os indonésios ficaram calados sem ameaçar-nos mais até que 17 de Agosto de 1989, fomos libertados. Nesse dia, ao chegar em casa, o meu único filho, Gaspar Simões, já tinha falecido os outros elementos meus da rede clandestina foram desaparecidos, tais como, Marcelino Pinto, Júlio Maia, Rodolfo Alves, Agostinho da Costa, Prosório Metan e Domingos Mesquita. No momento estava também um irmão de algures a minha espera para trocar as impressões sobre as nossas passagens da Cadeia. Daí comecei a minha canilização de trabalho patriótico até que deixei o querido Timor no dia 1 de Dezembro de 1992 para Portugal. Portanto, fui condenado como fretilin e C.N.R.M. Hoje quero trabalhar junto a Potência Administrante para libertação do povo e da Pátria amada de Timor Leste que está no coração e na alma de Timorenses nacionalistas. A minha chegada em Portugal foi no dia 3 de Dezembro de 1992. –

24 de Junho de 1993

J. Simões

José Simões - Mau-Ray